



EXPERIÊNCIAS POSSÍVEIS COM USO DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO FORMAL

Ester Aparecida da Silva Abdelnur Camargo¹ – COLÉGIO MARISTA ARQUIDIOCESANO
DE SÃO PAULO

Dra. Lilian Cristina Gramorelli² – COLÉGIO MARISTA ARQUIDIOCESANO DE SÃO
PAULO

Paula Meira M. de S. Arruda³ – COLÉGIO MARISTA ARQUIDIOCESANO DE SÃO
PAULO

Eixo Temático: Ensino Fundamental

Resumo

A importância da interdiscursividade no mundo contemporâneo oferece desafios ao contexto educacional. Os cenários escolares devem estar atentos a esta questão, viabilizando que os conteúdos curriculares sejam elementos para problematizar e dialogar com o mundo. Esses cenários proporcionam, portanto, possibilidades para práticas interdiscursivas e multivocais que estão à luz do pensamento educacional, o que evidencia um projeto educativo voltado à construção de uma sociedade democrática, que preza pela valorização de seus sujeitos, estimula a criatividade e a capacidade de consubstanciar o conjunto de conhecimentos agregados ao currículo escolar. Nessa perspectiva, este texto objetiva divulgar a experiência do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo com o desenvolvimento e a utilização das *Tecnologias da Informação e Comunicação* no processo educacional formal, por meio de projetos que envolveram o uso diversificado do *tablet*, tanto na Educação Infantil como no Ensino Fundamental, privilegiando o uso de aplicativos, de Livro Digital e dos ambientes virtuais de aprendizagem. O uso das tecnologias na Educação Infantil contribuiu para o aprofundamento das reflexões e para a ampliação das aprendizagens construídas no *Projeto Borboletas*. Já no Ensino Fundamental, os estudantes mergulharam em um processo de análise de fontes e de linguagens diversificadas sobre as temáticas propostas, tais como edições de filmes, objetos digitais, áudios, vídeos, infográficos, mapas interativos, jogos, textos selecionados do livro digital, entre outros. A prática foi nutrida pelas discussões advindas do grupo de estudos constituído na escola, pautadas nas teorias críticas representadas por Paulo Freire e Ismar Soares, entre outros, e em reflexões acerca das ações didáticas do projeto, que engloba todos os componentes curriculares, sendo específicos com o Livro Digital em Ciências, História, Geografia e Língua Portuguesa. Fazendo uso de dispositivos móveis e ambientes virtuais de aprendizagem, esse trabalho permitiu aos alunos

¹Graduada em Ciências Sociais – PUC. E-mail: eabdelnur@uol.com.br.

²Mestre e Doutora em Educação – FEUSP. Graduada nos cursos de Pedagogia e Educação Física. E-mail: li_gramorelli@yahoo.com.br; lgramorelli@colegiosmaristas.com.br.

³Graduada em Pedagogia – UNIP e Pós-graduada em Psicopedagogia. E-mail: paulaarruda1@gmail.com.

dos dois segmentos de ensino maior envolvimento e interação com os objetos de estudo, bem como a elaboração de hipóteses pelos estudantes e construção de interpretações a partir dos desafios colocados. Nesse sentido, as tecnologias colaboraram para que os alunos se tornassem agentes de seus próprios processos de aprendizagem.

Palavras-chave: Prática pedagógica. Ambiente virtual de aprendizagem. Tecnologia Educacional.

Introdução

Ao longo do tempo, e com maior rapidez no final do século XX, as paisagens educacionais foram se transformando na tentativa de atender às novas demandas do mundo contemporâneo. Novas configurações apresentam-se na organização da sociedade, ensejando novos papéis para a escolarização.

Nesse panorama, faz-se necessário repensar a função social da escola e, conseqüentemente, as questões que cercam o currículo, levando em consideração a reflexão sobre a questão da cultura e dos elementos culturais nos quais nossas crianças e jovens estão inseridos. A cultura tornou-se aspecto relevante nas discussões do campo curricular educacional.

Sendo assim, uma prática pedagógica associada a recursos tecnológicos presentes no meio social e cultural dos alunos pode estimular o interesse das crianças e dos jovens pelo estudo, pois, de acordo com Soares (2011, p. 24-25), “torna-se, na verdade, cada vez mais evidente que os jovens estão em busca de novas propostas para a sua formação e que, para apostarem no estudo, desejam uma escola que responda a esses anseios e ofereça novos elementos ante suas realidades e vivências”.

O documento oficial Diretrizes Curriculares Nacionais (2016), divulgado em segunda versão, indica: “Em um mundo cada vez mais tecnologicamente organizado, em que o acesso à informação é imediato para uma parcela significativa da população, a escola é chamada a considerar as potencialidades desses recursos tecnológicos para o alcance de suas metas”.

Já no Projeto Educativo da Rede Marista, linguagens e tecnologias são compreendidas como produções históricas, culturais e políticas intrinsecamente indissociáveis. “A linguagem é uma tecnologia e também a tecnologia é uma linguagem. Produzem e articulam significados

e geram novas formas de conhecer, além de novas formas de inter-relacionamento dos sujeitos no mundo e com o mundo” (UMBRASIL, 2010, p. 60).

A ação didática pensada à luz das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) não pode mais servir meramente como retransmissora de informação, pois passa a desempenhar um papel importante na construção de sujeitos (professores e, principalmente, estudantes) críticos e capazes de provocar transformações nos ambientes sociais em que vivem e convivem. Um ensino focado na excelência da educomunicação favorece o diálogo e o entendimento mais amplo do mundo heterogêneo, e muitas vezes contraditório, em que vivemos.

Tomando essa reflexão como pressuposto para uma educação que atenda às demandas do século XXI, o ambiente escolar deve estar preparado para se inserir nessa nova realidade. A preparação envolve uma série de fatores práticos e burocráticos: a elaboração de um plano de trabalho para acompanhar o andamento e a evolução das atividades propostas, a preparação dos agentes de diferentes níveis hierárquicos que porão em prática essas novas técnicas, a preparação do espaço físico onde essas atividades serão realizadas e as ferramentas que estarão disponíveis para a execução das práticas pedagógicas são alguns dos exemplos que constituem essa série de fatores relevantes.

Em consonância com esses apontamentos, este registro objetiva divulgar duas experiências do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo com o desenvolvimento e utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação no processo educacional formal, por meio de projetos que envolvem múltiplos recursos virtuais de aprendizagem disponibilizados pelo uso do *tablet* em sala de aula nos diferentes segmentos da educação básica.

Desenvolvimento

Nossa escola localiza-se na Zona Sul da cidade de São Paulo, é de cunho privado confessional e possui por volta de 3.300 alunos – oriundos, em sua maioria, de uma classe média alta. Na tentativa de qualificar nossas ações didáticas envolvendo o uso das TIC, formamos no colégio um grupo de estudos com encontros quinzenais, composto por professores, equipe de gestores, professores específicos da área de Tecnologia Educacional e Informacional, representantes da biblioteca e, em alguns momentos, assessoria externa com a

neurocientista Elvira Souza Lima e representantes do departamento de inovações e novas mídias da FTD Editora.

Nos encontros, além dos momentos de participação dos convidados externos, discutindo as contribuições da neurociência para o uso das tecnologias em sala de aula e das oficinas que exploram os Objetos Educacionais Digitais, dialogamos com diversos textos⁴ para embasamento teórico da ação didática e também trocamos experiências vivenciadas em sala de aula.

Outro ponto a destacar foi o preparo do espaço físico para incorporar as novas práticas viabilizadas pelas tecnologias. As salas de aulas foram equipadas com projetores com entrada HDMI, a fim de que as imagens do *tablet* do professor fossem espelhadas no telão da sala. Também adquirimos o filtro de conteúdo e *firewall* e ampliamos a banda de internet para 50MB.

Experiência 1 – História e Tecnologia - Possibilidades para a construção do conhecimento histórico.

A prática pedagógica aqui relatada ocorreu com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, no primeiro semestre de 2015, no componente curricular de História, pautada nas teorias críticas representadas por Paulo Freire e Ismar Soares, entre outros. No início de 2015, foi implementado nesta série o uso de Livros Digitais nos componentes curriculares de Ciências, História, Geografia e Língua Portuguesa. Até então, os alunos já haviam experienciado, em anos anteriores, algumas práticas pedagógicas com o uso das TIC em projetos e sequências didáticas em diversos componentes curriculares, mas de uma maneira mais pontual no ano letivo, não de forma mais prolongada e sistematizada. Com o projeto Livro Digital, cada estudante passou a trazer seu próprio *tablet* para a aula, tendo maior facilidade para acessar *sites* como fontes de pesquisa e também ambientes virtuais de aprendizagem.

Vale ressaltar que, nesse ano de implementação dos livros digitais, optamos por uma modalidade híbrida de estudos, de forma que os alunos possuíssem tanto os livros digitais nos quatro componentes citados como os livros impressos. Esta decisão foi pautada na

⁴ NÓVOA, A. **Nada será como antes**, Entrevista Revista Patio.

GREEN, B.; BIGUM, C. Alienígenas na Sala de Aula. In: SILVA. Tomáz Tadeu. **Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

COLL, C. **Psicologia da Educação Virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

recomendação do campo de conhecimento da neurociência que nos faz um alerta, indicando que os alunos estão acostumados a utilizar os suportes móveis, sejam os *tablets* ou celulares, em seus cotidianos, entretanto, apenas ocasionalmente estes são usados para estudos. Sendo assim, não poderíamos arriscar, nessa fase de transição (do uso do livro físico para o digital) e de implementação, que os alunos deixassem de aprender porque o suporte de leitura/estudos foi alterado.

No componente curricular de História as possibilidades de trabalho são inúmeras, pois o conhecimento histórico é, na maioria das vezes, construído com base na análise e interpretação de fontes diversificadas, com múltiplas linguagens que atualmente estão acessíveis e disponíveis para estudo através do apoio da tecnologia.

Em qualquer planejamento ou elaboração de sequência didática, fazemos sempre as perguntas: “o que ensinar?”, “para quê?”, “como?”; da mesma maneira essa reflexão deve ser feita para o uso das tecnologias em sala de aula. Tivemos o desafio de utilizar o livro digital e o dispositivo móvel em aula e, com isso, foi necessário repensar a prática pedagógica, a metodologia de ensino, as mediações necessárias: lançamo-nos nesse novo desafio.

No início de 2015, os alunos tiveram a oportunidade de estudar as Civilizações da América Pré-Colombiana, privilegiando a utilização do dispositivo móvel *tablet* e dos ambientes virtuais de aprendizagem – plataforma *Blackboard* e FTD.

A partir dessas ferramentas tecnológicas e com o objetivo de tornar a aprendizagem mais significativa, em um período de nove aulas, os estudantes mergulharam em um processo de análise de fontes e linguagens diversificadas previamente selecionadas pela professora sobre as temáticas propostas, tais como edições de filmes, objetos digitais, áudios, vídeos, infográficos, mapas históricos interativos, jogos, textos selecionados do livro digital, entre outros.

Organizamos a prática pedagógica da seguinte maneira: em um primeiro momento, os alunos foram divididos em trios e tiveram que escolher uma das três civilizações – Incas, Maias e Astecas – para estudar o modo de vida, considerando os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais. Feita a escolha, esse estudo seria aprofundado a partir de três fontes diferentes: o livro didático (versão digital ou física), análise dos objetos digitais (disponíveis no livro e nos ambientes virtuais de aprendizagem) e análise dos vídeos da Coleção Grandes Civilizações (disponibilizado na plataforma educativa digital *Blackboard Learn*).

Os alunos receberam orientações sobre o procedimento de estudos das fontes, coleta das informações, com roteiros para preencherem. Cada componente do grupo possuía um tema – Incas, Maias ou Astecas – e tinha a tarefa de pesquisar e registrar nas três aulas seguintes as principais informações políticas, econômicas, sociais e culturais de cada tema: aluno 1 – pesquisar nos **textos do livro digital**; aluno 2 – analisar os **objetos digitais** disponíveis no livro (ícones) e no *site* da FTD digital: Jogo Grandes Civilizações e Infográfico Incas, Maias e Astecas; aluno 3 – estudar os **vídeos** da coleção Grandes Civilizações, disponíveis na plataforma *Blackboard*. Nesta etapa, foi possível perceber o envolvimento, empenho e compromisso de cada um, além da oportunidade de dividir os conhecimentos aprendidos uns com os outros.

Os registros mais completos foram selecionados e disponibilizados para todos da classe, tanto na modalidade impressa como em ambientes virtuais. Dessa forma, os alunos foram orientados a organizar os registros no caderno separando-os de acordo com as temáticas social, econômica, política e cultural de cada civilização e, por fim, relê-los e produzir ilustrações baseadas nesses apontamentos. Foi uma maneira interessante de sistematizar todo o estudo.

A cada aula houve um rodízio para garantir que todos tivessem colhido informações a respeito das três civilizações com base em três fontes diferentes.

Em vários momentos desse percurso, os alunos tiveram a oportunidade de estabelecer relações e comparações não só entre os povos estudados, mas também com a contemporaneidade, levando-os a identificar permanências e mudanças em seu próprio modo de vida, nos modelos de vida atual e nas diferentes organizações que regem nosso espaço, nossa cidade, nosso país.

Após vivenciarem essa experiência, puderam compreender muitas heranças e influências deixadas por essas civilizações que se fazem presentes em nosso dia a dia, sobretudo na base de nossa alimentação, como a batata, que permanece como uma marca da identidade Inca devido à origem andina e à variedade de espécies produzidas; o chocolate, ou melhor, o "xocoatl", que de bebida sagrada dos Astecas se transformou em um dos produtos mais vendidos em todo o mundo; o milho, sagrado para os Maias, Astecas e Incas, que é um dos produtos mais cultivados na América até hoje.

Outra característica interessante sobre a qual os alunos sentiram-se motivados a estudar foi o vestuário: as roupas e indumentárias com plumas utilizadas somente pelos

grupos social e economicamente privilegiados, uma vez que as plumas eram símbolo de *status* social e também utilizadas como pagamento de impostos. Além das plumas, havia inserções de objetos pelo corpo ou rosto, os quais os alunos, através de suas impressões, relacionaram imediatamente com os *piercings* tão comuns em nossa cultura e nos tempos atuais. Nessa ocasião, a disciplina de Arte estava trabalhando com a temática “Cultura, Corpo e Identidades”, também por isso os alunos puderam aprofundar suas análises.

Tanto o uso das vestimentas e dos adereços quanto a culinária, a compreensão do sagrado e dos rituais religiosos, as relações de poder, a produção e intercâmbio comercial, a infraestrutura e a higiene, enfim, esses e vários outros aspectos foram surpreendentes descobertas que ultrapassaram as fronteiras do tempo e do espaço e os fizeram reencontrar um pouco de suas raízes latino-americanas.

Experiência 2 – Projeto Borboletas – Educação Infantil

Diversas habilidades são desenvolvidas ao mesmo tempo quando utilizamos as tecnologias na produção de conhecimento, dentre elas podemos destacar os procedimentos de busca, organização e comparação dos dados da pesquisa em vigência. As crianças, desde muito cedo, desenvolvem por meio de experiências diversas ideias sobre o mundo natural que as rodeia e sobre outros aspectos e vivências.

A Educação Infantil essencialmente valoriza esse interesse e procura tornar significativo o aprendizado, fornecendo as ferramentas adequadas que servirão como estímulo nas relações entre o aprender nos diversos eixos, como Linguagem Oral e Escrita, Linguagem Matemática, Linguagem do Espaço Social e Natural, com suas especificidades.

O projeto Borboletas foi desenvolvido no 1º semestre de 2015 e foi realizado com uma turma da Educação Infantil, formada por 21 alunos de 5 anos. O grupo demonstrava muito interesse na busca por respostas para todos os fenômenos naturais que envolviam o contexto escolar e, dessa forma, o tema surgiu com o aparecimento de muitas borboletas no parque. O uso da tecnologia como integrante desse processo ocorreu na etapa final do projeto, pois contribuiu para o aprofundamento das reflexões que foram realizadas sobre os estudos.

O encanto de alguns alunos com as borboletas do parque contagiou toda a turma que diariamente passou a procurá-las para poder observá-las, conforme alguns trechos transcritos abaixo:

- “Juan, corre aqui para ver a borboleta antes que ela voe!”

- “Nossa, Lara, olha quantas cores!”
- “Essa é muito grande!”
- “Vem ver, aqui tem um casulo!”

A modalidade de organização utilizada – projetos – possibilitou ao professor uma liberdade de ação que habitualmente não acontece no seu cotidiano escolar. O compromisso educacional do professor foi justamente saber o que, como, quando e por que desenvolver determinadas ações pedagógicas. Para isso, foi fundamental conhecer o processo de aprendizagem do aluno e ter clareza da sua intencionalidade pedagógica.

Partindo desses pressupostos, elencamos os conhecimentos prévios dos alunos e elaboramos o índice de questões que o grupo gostaria de investigar. A professora, ao perguntar o que os alunos já sabiam sobre as borboletas, obteve as seguintes respostas:

- “Eu sei que as lagartas viram borboletas.”
- “Eu acho que toda lagarta vira borboleta.”
- “Tem lagartas que queimam!”
- “Sabe, Paula, eu já vi umas grandes e bem peludas!”
- “Eu acho que elas comem folhas!”
- “Eu acho que ela vira borboleta bem rapidinho.”
- “A lagarta dorme e acorda borboleta.”

Construção do índice de questões com os alunos:

- “Como elas nascem?”
- “O que elas comem?”
- “Será que toda lagarta vira borboleta?”
- “Será que existe lagarta que tem veneno?”
- “O que é um casulo?”
- “Quanto tempo ela fica no casulo?”
- “Quanto tempo as borboletas vivem?”
- “Mariposa também é borboleta?”

Para contemplar estas etapas, fomos à Biblioteca Infantil solicitar livros que pudessem nos ajudar em nossa pesquisa. Outra sugestão do grupo foi a busca por informações na internet.

Ainda utilizamos como ferramenta para pesquisa, além dos livros e da internet, o laboratório de ciências e a pesquisa com os pais.

Essa etapa foi significativa, pois as crianças sentiam-se instigadas a trazer conhecimentos para socializar com o grupo. Era estimulante perceber o quanto o grupo estava motivado e envolvido com todas as questões acerca do tema.

Um lugar em nossa sala foi especialmente reservado pelas crianças para que pudessem colocar as lagartas e assim observar sua transformação em borboletas. Também tivemos a visita de um professor de Ciências, que foi de extrema importância para as decisões tomadas pelo grupo. No laboratório do colégio, um terrário foi montado para receber as lagartas e também para aguçar diariamente a curiosidade das crianças.

Percebemos que o terrário e as lagartas teriam que receber um cuidado especial, sendo assim, elaboramos um guia com a participação efetiva das crianças sobre os cuidados e combinados:

- “Temos que regar com água todos os dias.”
- “Também colocar dois copos de água por dia.”
- “Tem que regar devagar para a plantinha não morrer.”
- “Temos que olhar sempre para ver se as lagartas ficarão bem”.
- “Não podemos jogar muita água para não matar as plantas e os bichinhos.”
- “Que tal o ajudante do dia cuidar do nosso terrário?”

No dia seguinte, as crianças começaram a trazer muitas lagartas e decidimos fazer um relato diário de observação do terrário. Tendo o professor como escriba; as anotações foram feitas em folhas e ficaram disponíveis para visualização dos alunos. Transformamos as nossas dúvidas em uma pesquisa para ser feita em casa (lição de casa) a fim de tentarmos encontrar respostas para todas as nossas questões. Cada um levou uma pergunta, escolhida por eles, com as orientações de procedimento. Estas, posteriormente, foram apresentadas pelas crianças em nossos momentos de roda.

Para a finalização do projeto, o grupo levantou algumas possibilidades que depois foram votadas pelas crianças, ganhando a montagem de um jogo no *Ipad*.

- “A gente pode mostrar tudo o que aprendemos sobre as borboletas para outras turmas.”
- “A gente pode mostrar para eles as fotos que tiramos do terrário.”
- “E se a gente colocar no corredor a nossa pasta?”

- “Podemos também colocar tudo o que aprendemos no *Ipad* e a outra sala pode vir jogar com a gente.”
- “Igual àquele jogo das parlendas.”

Sabendo que desde muito cedo as novas gerações crescem em contato com eletrônicos e adotam essas novas tecnologias “intuitivas” de maneira natural, optamos pelo *TinyTap* por ser uma plataforma que permite a professores e alunos a criação de jogos educacionais personalizados. Esse aplicativo foi escolhido para finalizar o projeto Borboletas, contribuindo assim para o aprofundamento das reflexões que foram realizadas sobre os estudos tecnológicos. Conhecer a dinâmica e as mediações que estão imbricadas neste contexto possibilita ao universo educativo ampliar as possibilidades de ação sobre o tema. No aplicativo os alunos puderam explorar de forma significativa vários recursos tecnológicos como inserir fotos, vídeos, perguntas e repostas, quebra-cabeça e desenhos. Outro ponto importante é que esta plataforma pode ser acessada por todos de casa, através do *link*⁵ que é gerado na finalização do mesmo.

A alegria e envolvimento ao encontrar suas produções, fotos e vídeos elaborados ao longo do projeto, disponíveis para a execução da construção do jogo e o fato de também poderem criar mais trabalhos utilizando as ferramentas disponíveis no aplicativo foi significativo. Nesta faixa etária, faz-se necessária a inserção de parte do material que as crianças possam vir a precisar, pelo professor, para que ela trabalhe com autonomia e consiga desenvolver o que planeja.

Conclusões Finais

Sabemos que uma escola atenta às demandas do mundo contemporâneo considera em seu cotidiano diferentes desafios, sendo um deles a incorporação da cultura digital, que os alunos já portam nos contextos extraescolares, aos processos formais de ensino e aprendizagem vividos na escola. Como já ressaltamos, a questão não é apenas trazer as ferramentas tecnológicas para o currículo, mas sim propiciar o desenvolvimento das potencialidades que elas possibilitam, transformando os alunos em sujeitos/autores de conhecimento.

Acreditamos, então, ser necessário um movimento que ressignifique o papel da escola nesse novo contexto social. Nesse sentido, corroboramos com o pensamento de Libâneo

⁵ Link enviado às famílias: <http://www.tinytap.it/games/g58/play/borboletas>

(2010, p. 11), segundo o qual, “a escola precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora de informação e transformar-se num lugar de análises críticas e produção da informação, onde o conhecimento possibilita a atribuição de significado à informação”.

Nosso tempo pede passagem a um processo dialógico de educação, ou seja, não acreditamos mais na educação centrada na fala exclusiva de professores diante de uma “plateia” que tem muito a dizer, mas acaba sendo sufocada por discursos e práticas ainda, no mínimo, conservadoras. Podemos sinalizar que ambos os trabalhos aqui relatados contribuíram com a construção de novos conhecimentos de nossos estudantes, possibilitando a ampliação da leitura crítica do contexto social e cultural em que vivem.

Como resultado até o momento, arriscamos indicar, pautados em pesquisa realizada em 2015 e 2016 com os alunos do Ensino Fundamental, que as aulas utilizando as TIC no processo ensino-aprendizagem de modo mais sistematizado ficaram mais atraentes e motivadoras. Além disso, a possibilidade de acessar os objetos digitais, atividades variadas nas plataformas virtuais e o uso do livro digital foram aspectos que contribuíram significativamente para a construção de novas aprendizagens. Pelo percurso que temos trilhado utilizando as Tecnologias da Informação e Comunicação no Colégio Marista Arquidiocesano, parte dele relatado aqui, pudemos perceber a constituição de um currículo mais significativo para nossas crianças e jovens compreenderem e atuarem na sociedade em que vivem.

Como pudemos observar, as TIC favoreceram as mediações no processo ensino-aprendizagem, tornando os alunos agentes de seus próprios processos. Nessa perspectiva, os professores são chamados a desenvolver “outro papel” na mediação da ação didática: mais pesquisador, mais dialógico, auxiliando, assim, os alunos a transformarem a amplitude de informações que acessam em conhecimentos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão Preliminar. Brasília, 2015. p. 11.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**. Segunda Versão. Brasília, 2016. p. 50.

CITELLI, Adilson Odair. Comunicação e educação: implicações contemporâneas. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 253.

COLL, César. **Psicologia da Educação Virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. Alienígenas na Sala de Aula. In: SILVA, Tomáz Tadeu. **Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

LIBÂNIO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 2010. p.104.

NÓVOA. António. **Nada será como antes**. Revista Patio. Entrevista.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 253.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. **Projeto Educativo do Brasil Marista: nosso jeito de conceber a Educação Básica**. Brasília: UMBRASIL, 2010.